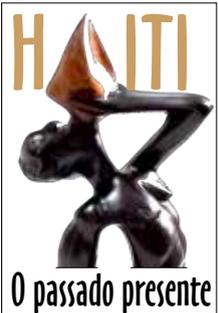


Há futuro para o país mais pobre das Américas?

Segundo o Programa Mundial de Alimentos (PMA), uma em cada cinco crianças haitianas sofre de desnutrição crônica



No fim de dezembro, a Otan anunciou oficialmente o fim da missão militar no Afeganistão, iniciada como uma resposta aos atentados às torres gêmeas de Nova Iorque, em 2001. Uma cerimônia meio envergonhada colocou fim à saga de 13 anos, 3,5 mil soldados mortos e um resultado duvidoso, já que insurgências do Taleban continuam agindo.

Em que pese os conflitos no Oriente Médio terem realidade totalmente diversa, a Organização das Nações Unidas (ONU) vive dilema parecido com sua Missão para a Estabilização do Haiti, a Minustah. Liderada militarmente pelo Brasil, ela completou dez anos em 2014. O braço militar da missão suprimiu a guerra civil há tempos, mas estabilidade política e social que garanta um Haiti caminhando com as próprias pernas ainda é uma realidade distante. “A ONU trabalha com prioridade e orçamento.

Nós não podemos ficar no Haiti para sempre”, disse, com sensatez, o *force commander* da Minustah, general brasileiro José Luiz Jaborandy Jr.

Entre 30/11 e 6/12, os jornalistas Paulo Manso e Alexandre de Paulo, do **Metrô News**, passaram uma semana no país caribenho. Buscaram resposta para a pergunta que abre esse texto e perceberam logo que o dilema vivido pela ONU faz todo sentido. Viram de perto a miséria, a violência e o sofrimento pelos quais passam o povo haitiano, que não tem saneamento básico, energia elétrica, água potável e nem o que comer.

Os índices econômicos pífios, aliados à instabilidade social que marcou praticamente toda a história republicana do país e às tragédias naturais, contrapõem a inexplicável esperança no olhar e o fácil sorriso de seu povo.

**HÁ 45 ANOS, O CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO DE SONHOS,
CONSTRUÇÃO DE CARREIRAS E TRANSFORMAÇÃO DE PESSOAS.**



www.ung.br 11 2475-8300

O Haiti é aqui



PAULO MANSO - O calor era intenso na tarde de domingo, 30 de novembro, no aeroporto internacional Toussaint Louverture, em Porto Príncipe. Eu e meu parceiro de “missão”, Alexandre de Paulo, desembarcamos na capital do Haiti para uma semana que se revelaria intensa. Logo de cara, uma aula de história. Chefe da Comunicação Social do Batalhão de Infantaria de Força de Paz (Brabat), o coronel Aléssio Silva nos municiou com todas as informações possíveis sobre o país caribenho.

O trajeto até a Base General Bacellar, no bairro Tabarre (dentro do chamado Campo Charlie), foi feito a bordo de uma picape apertada, por conta dos equipamentos de uso militar, mas extremamente confortável, tomando como referência os outros veículos que nos esperavam para as incursões pelo Haiti.

Acostumado à completa falta de regras do trânsito de Porto Príncipe, o tenente Pallemberg Aquino guiava enquanto eu tentava entender como nenhum acidente acontecia no meio de tamanha

balbúrdia: buzinas, caminhões MAC (aqueles robustos americanos que aparentam pesar 100 toneladas), motociclistas sem capacete e com mais de um passageiro, nenhum semáforo, carros caindo aos pedaços (literalmente) e pedestres. Tudo ao mesmo tempo e com todos disputando o mesmo espaço. Ruas predominantemente sem asfalto e uma poeira permanente.

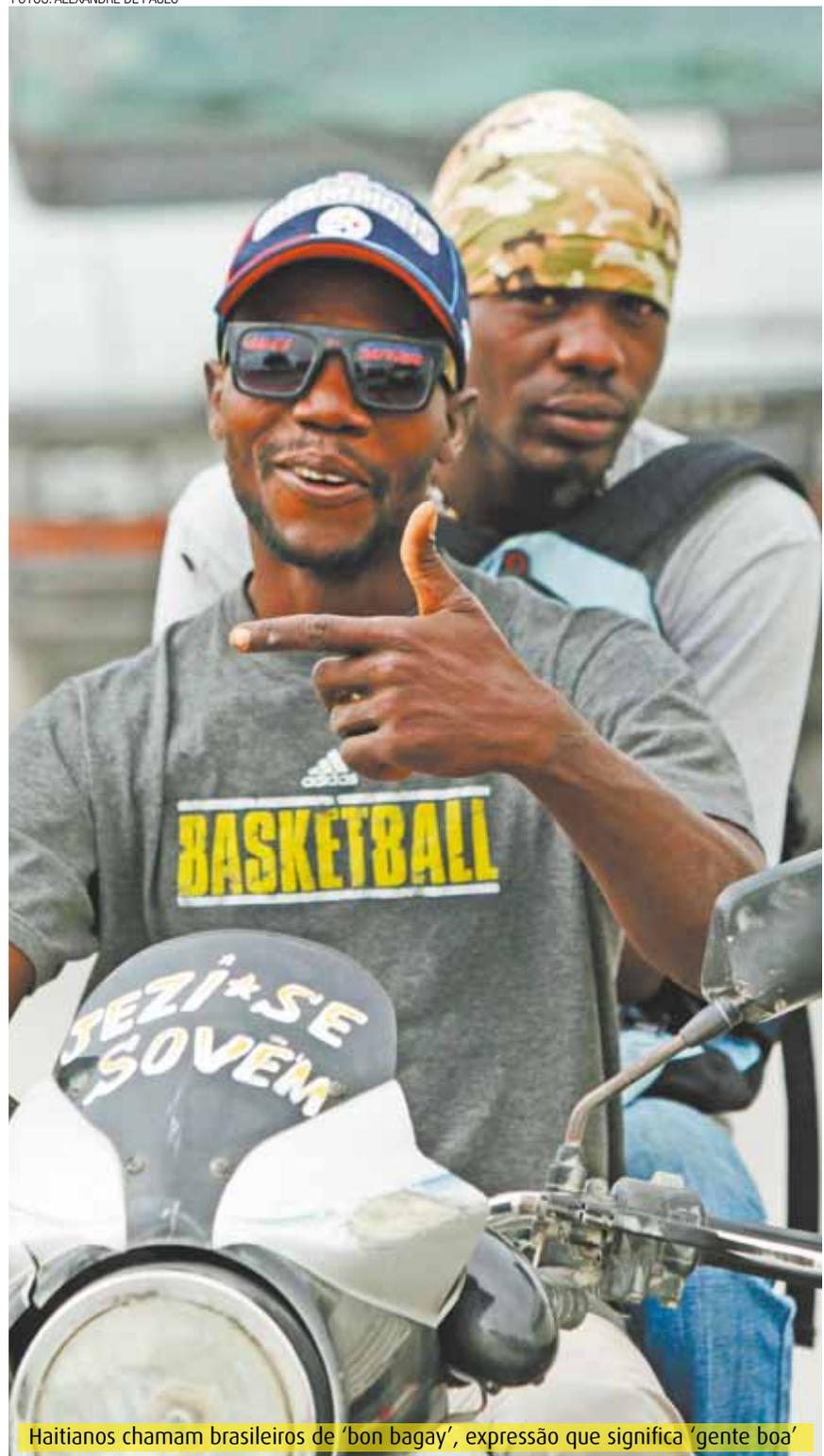
A visão era de uma aridez assustadora. Com exceção das fachadas dos precários comércios (donos de cores carregadas e letreiros enfeitados), Porto Príncipe é uma cidade cinza. Haitianos com quem conversamos disseram que moradores evitam reboçar as fachadas ou pintá-las para fugir da cobrança de impostos.

O idioma oficial é o francês, mas a maioria da população fala creole (uma mistura de francês com dialetos africanos)

Pallemberg e Aléssio, nossos primeiros ‘cicerones’ no quente Haiti



FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Haitianos chamam brasileiros de ‘bon bagay’, expressão que significa ‘gente boa’



Tap taps são principal meio de transporte no Haiti: exagero nos enfeites e na precariedade; à direita, vista da Base Militar General Bacellar, onde ficamos hospedados em Porto Príncipe



Transporte público singular e trânsito caótico

Outro contraste fica por conta dos “tap taps”. Perfeitos “paus de arara”, as caminhonetes com grandes gaiolas na caçamba são extremamente enfeitadas com pinturas que vão de craques do futebol brasileiro a menções religiosas, e dão raro colorido à cidade. Passam apinhados de gente, carregada como gado. “Passageiros” ficam nas quentes gaiolas ou pendurados do lado de fora, sem qualquer preocupação com a própria segurança.

Apesar de deixar o aeroporto, a impressão que tivemos foi a de entrarmos no set de algum documentário. Nada parecia real, mas cenas de um filme triste. Além da aridez e do trânsito caótico, as ruas de Porto Príncipe mostravam pessoas miseráveis, bombeando os escassos poços artesianos, que trazem água não potável (o lençol freático é todo contaminado por conta da falta total de saneamento básico). Casas destruídas pelo ter-

remoto, muitas com telhados de zinco (o que transforma tais abrigos em verdadeiras saunas dado o intenso calor do Caribe). Pessoas fazendo necessidades fisiológicas nas ruas, sem a menor cerimônia.

Nosso abrigo na capital, o Campo Charlie abriga batalhões de vários países, entre eles, o maior da força de paz da ONU: o Brabat. O alojamento é um verdadeiro oásis no deserto. Nosso container, na Companhia de Engenharia do Exército, a Braengcoy, tinha ar condicionado, dois beliches, armário, TV, frigobar e uma mesinha de escritório. Sem luxo, mas com tudo do que precisávamos.

80%

da população haitiana vive abaixo da linha da miséria (com menos de US\$ 1,11 por dia)

Fonte: Actionaid.org.br



Garota bombeia água imprópria para consumo: lençol freático está poluído

PAULO MANSO



Nas janelas ou nos veículos, haitianos tentam esconder o cinza com muitas cores

PAULO MANSO



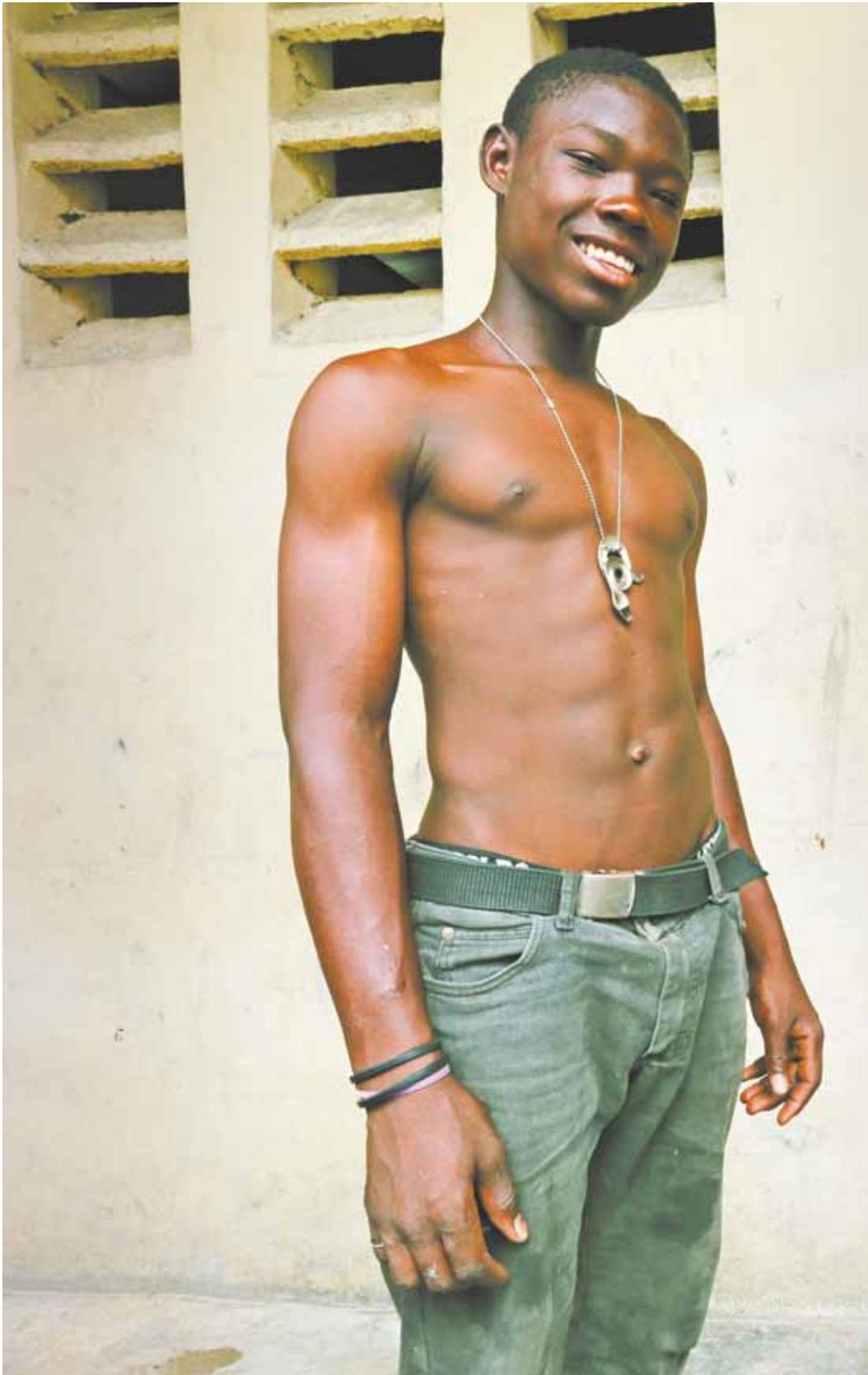
Ruas sujas, com esgoto a céu aberto e cheiro forte: rotina dos moradores de Porto Príncipe



Balbúrdia nas ruas. Sorriso nos lábios

PAULO MANSO - Não há como pisar no Haiti e deixar de reparar nos seus contrastes. A beleza do Mar do Caribe e a feiura da miséria de homens, mulheres e crianças. As cores dos tap taps e das fachadas do precário comércio, e o cinza da poeira e dos escombros. A pobreza extrema no litoral e a riqueza concentrada no alto dos morros.

Mas há algo que chama ainda mais atenção do olhar estrangeiro: a esperança no olhar do povo. Nada parece importar: as armas, a poluição, a fome ou o desemprego. Eles sorriem!



De sorriso fácil e com bom vigor físico, jovem haitiano sofre com a falta de emprego, que chega a 60%

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Sol escaldante já nas primeiras horas da manhã; nas esburacadas ruas de terra, sob



Comércio ambulante e precário é intenso durante todos os dias



Artesanato enla



Intensa poeira, ambiente fica insalubre para pedestres e soldados durante as patrulhas



Haitianos parecem acostumados com soldados armados nas ruas



Improvisado, sistema de transporte é bastante perigoso



Arte e cultura local e lembra terremoto e revolução



Bons de papo, ambulantes vendem de tudo em suas barracas



Trânsito "maluco" é prova de fogo para motoristas estrangeiros

Do orgulho ao caos



PAULO MANSO - A primeira república negra do mundo. É disso que os haitianos mais se orgulham: de ter sido o primeiro país a se libertar da opressora colonização europeia pelos braços do povo, numa das mais legítimas revoluções que a história conheceu.

O fato, porém, antecedeu uma série de golpes, guerras civis e ditaduras – aliadas aos desastres naturais – que marcaram boa parte da vida republicana no Haiti, fazendo com que a histórica libertação reine praticamente solitária no coração e na mente dos haitianos.

A Ilha Hispaniola, a maior do Arquipélago das Antilhas, no Mar do Caribe, foi descoberta por Cristóvão Colombo em 1492. Em 1697, o terço oeste da ilha (27.750 km², do tamanho de Alagoas, aproximadamente) foi cedido à França e virou o Haiti. Com a população nativa praticamente dizimada tanto por espanhóis quanto por franceses, o país se tornou a mais próspera colônia das Américas, às custas da degradação ambiental e da mão de obra escrava, vinda da África. Os escravos produziam muita cana-de-açúcar (principalmente), cacau e café. Em 1750, para se ter ideia, metade do Produto Nacional Bruto da França era oriundo do Haiti.

Em 1794, escravos se rebelaram e aboliram o regime, colocando Toussaint Louverture no comando do país. Louverture foi morto pelos franceses, mas a guerra da libertação duraria dez anos, período que marcou a chegada ao poder na França de Napoleão Bonaparte. Em 1804, liderados por Jacques Dessalines, os haitianos declararam independência, causando uma onda de temor nos colonizadores.

O vodu (prática religiosa de origem africana parecida com o candomblé brasileiro e que se espalhou pelo mundo principalmente nos locais para onde foram levados os escravos) levou boa parte da culpa. Dizimados pelos negros durante a revolução, brancos colonizadores espalharam a ideia de que os adeptos da religião tinham parte com o demônio. O preconceito existente ainda hoje nasceu naquela época.

Mais do que o preconceito religioso, o Haiti sofreu um longo embargo econômico estabelecido por escravagistas europeus e americanos e que durou 60 anos. O bloqueio só terminou com o pagamento de uma pomposa indenização pelo Haiti à França, o que destruiu a economia do país.

Do crânio do francês fazemos um recipiente para colocar seu sangue. A baioneta será a pena e sua pele, o papel

”

Frase atribuída a um líder revolucionário haitiano

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Impecavelmente vestida com uniforme escolar, menina corre entre porcos em Cité Soleil



Jovem haitiano exhibe as cores do Brasil



Garoto joga bola nas ruas sujas





Prática religiosa de origem africana, o vodu é culturalmente aceito por mais de 80% da população haitiana

Instabilidade política atrasa desenvolvimento

A história política do Haiti é marcada por instabilidade quase que permanente. Da independência, em 1804, até hoje, apenas dois presidentes completaram seus mandatos. René Preval conseguiu a façanha por duas vezes. O outro mandatário nem merecia entrar nesta conta: o médico François Duvalier, o Papa Doc, se autoneomeou presidente vitalício e morreu no cargo em 1971. Eleito em 1957 sob as bênçãos dos norte-americanos assustados com o comunismo, ele instaurou uma feroz ditadura bancado por sua polícia pessoal, os “tonton macoutes” (bicho-papão, em creole). Foi substituído por seu filho Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc, que manteve a linha dura do pai. Em 1986, acuado com o crescente levante popular, Baby Doc fugiu para a França. Cinco presidentes assumiram e deixaram o mais alto cargo do país em quatro anos, entre 1986 e 1990.

Eleito em 1990, o padre esquerdista Jean-Bertrand Aristide foi deposto um ano depois. O caos político-social no Haiti aumentou o número de imigrantes e fez os Estados Unidos se mexerem. A pressão pelo retorno de Aristide, porém, só surtiu efeito prático em 1994, quando ele voltou ao poder à força.

Primeiro-ministro de Aristide, René Preval se candidatou e venceu as eleições para o mandato de 1996 a 2001. Foi sucedido pelo próprio Aristide, em eleições contestadas. Os enfrentamentos internos foram se tornando cada vez mais insustentáveis, até que em 2004, Aristide foi obrigado a se exilar na África do Sul. A pressão norte-americana, desta vez, era na direção contrária. E em junho, a ONU instalou a Minustah.

Desde 1993, a ONU testou “mini missões” que não conseguiram conter as revoltas populares alimentadas pelos conflitos políticos constantes da era “pós-dinastia Doc”. A Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti é formada por três frentes: civil, policial e militar (esta comandada pelo Brasil).

10,32

milhões de pessoas é a população do Haiti. Dois milhões só na capital Porto Príncipe

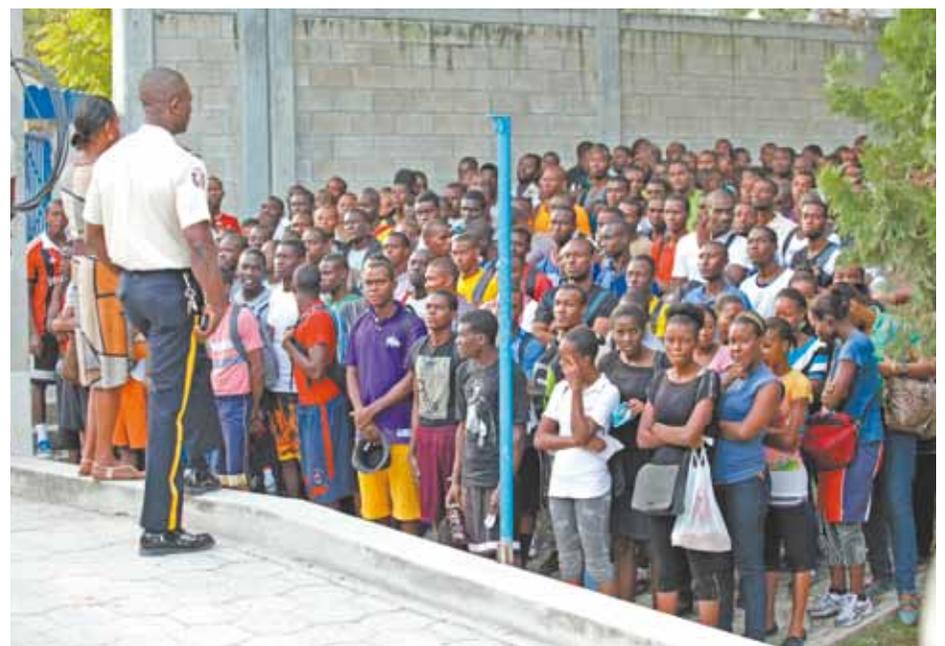
Fonte: Pnud



Militares fazem patrulhas diárias em áreas violentas para manter sensação de segurança



Freiras do Sagrado Coração de Jesus oferecem instrução e duas refeições diárias a 170 crianças



Civis encaram seleção por vagas na Polícia Nacional do Haiti: processo de fortalecimento

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO

**Números da tragédia**

O terremoto teve magnitude **7,0** na escala **Richter** e antecedeu outros dois de magnitudes **5,9** e **5,5**

O abalo ocorreu a cerca de **10 km** de profundidade e a **22 km** de Porto Príncipe

300 mil pessoas foram feridas

1,5 milhão de habitantes ficaram **desabrigados**

Mais de **250 mil** morreram

O valor das destruições e perdas é estimado em **US\$ 7,8 bilhões**

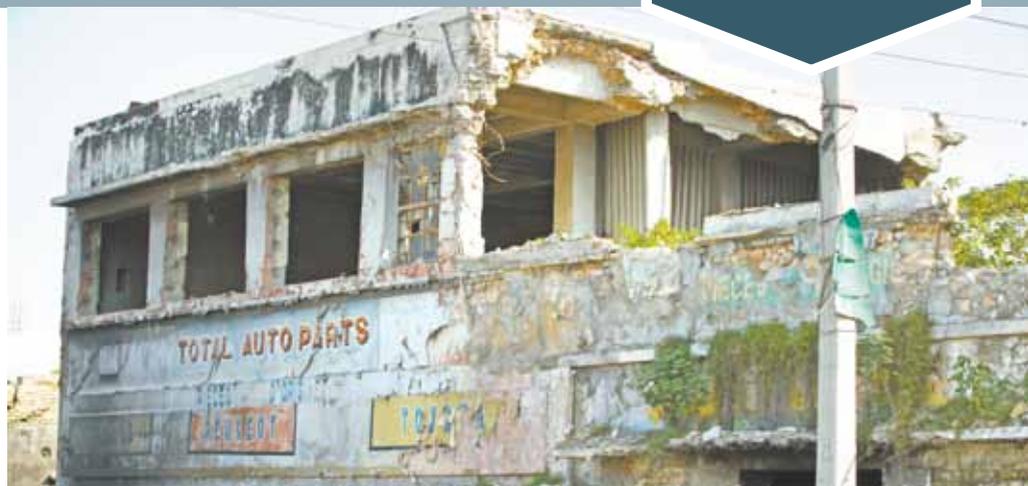
Essa foi a maior tragédia desde a criação da ONU, após a 2ª Guerra Mundial. Haiti ainda não cicatrizou suas chagas

Ferida aberta há 5 anos



PAULO MANSO - Além de todo o sofrimento decorrente da instabilidade política e social, o Haiti fica localizado sobre o encontro de duas placas tectônicas e é rota de furacões. No maior abalo de sua história, registrado às 16h53 de uma terça-feira, 12 de janeiro de 2010 (há exatos cinco anos), quase 300 mil pessoas morreram, cerca de 40 mil tiveram membros amputados e aproximadamente 1,5 milhão ficaram desabrigados.

O terremoto de 7,0 graus na Escala Richter ainda deixa marcas nas ruas de Porto Príncipe. O Palácio Presidencial, destruído com o abalo, foi completamente demolido em 2012 e aguarda resolução do impasse sobre o financiamento de sua reconstrução. A Catedral de Notre Dame do Haiti (foto acima) permanece desfigurada. Haitianos não gostam de falar sobre a tragédia. Mudam o tom de voz toda vez que são perguntados sobre o tema.



Amanhã, no segundo dia da série especial "Haiti – O passado presente", você vai conhecer Bel Air, uma das áreas mais destruídas pelo terremoto de 2010, e a história de Roberta, sobrevivente da tragédia e pivô de um reencontro emocionante.

Aguilha no palheiro

ALEXANDRE DE PAULO



PAULO MANSO - Sem a disciplina típica dos militares, quase perdemos o horário do café da manhã. No Campo Charlie, a alvorada toca às 6h, mas, para todo bom jornalista, isso é madrugada! E fomos obrigados a correr até o rancho para conseguir comer algo antes da chegada do tenente Pallemberg, às 8h da terça-feira, 2 de dezembro.

Ele nos buscou no alojamento e embarcamos na caçamba de um caminhão chamado “QT”, o que significa aguentar o tranco em “Qualquer Terreno”, algo extremamente útil no esburacado chão do Haiti. O destino era o Forte Nacional, na região central de Porto Príncipe, e a missão do dia reservava uma tarefa difícil, mas de forte apelo emocional.

Alexandre de Paulo já havia visitado o Haiti em 2005, em breve estada. Para a segunda vez, separou algumas fotos tiradas nove anos antes de locais e pessoas que pretendia reencontrar. Sim, o terremoto de 2010 poderia ter derrubado as construções e matado as pessoas retratadas. Mas isso tornava o objetivo ainda mais estimulante!

Sacolejando dentro da viatura, estávamos acompanhados de escolta armada de fuzis e armas não letais. No caminho, embarcou nosso intérprete Augustinho. Alexandre mostrou as fotos para ele, que não pareceu reconhecer nada. Mas uma imagem atraiu a atenção de Augustinho...



Moradores de Bel Air, um dos locais mais castigados pelo terremoto de 2010, observam fotografia da menina Roberta (à época com 11 anos) registrada em dezembro de 2005

**HÁ 45 ANOS, O CAMINHO PARA A REALIZAÇÃO DE SONHOS,
CONSTRUÇÃO DE CARREIRAS E TRANSFORMAÇÃO DE PESSOAS.**



UnG
Sua Universidade Completa.
Sua Carreira

45
Anos

www.ung.br 11 2475-8300

Foto profética

ALEXANDRE DE PAULO - No dia 5 de dezembro de 2005 registrei a imagem abaixo, numa rua de Porto Príncipe. A apenas três dias de completar nove anos daquele instante, em 2 de dezembro de 2014, lá estava eu de volta. Levei comigo algumas fotos e as mostrei para um dos intérpretes haitianos que nos auxiliavam. Max Lensky, o Augustinho, folheava as imagens aleatoriamente, mas parou nesta, enquanto conversávamos em bom português.

Curioso, perguntei-lhe o que estava escrito na pichação do muro: “Laté Pral Fini”. Com expressão de espanto, Augustinho me questionou: “O senhor não sabe o que está escrito aqui?”. Retruquei que não. “Está em creoule haitiano.” Após intermináveis segundos de mutismo, sem erguer a cabeça e mantendo o olhar fixo sobre a foto (como se hipnotizado estivesse), Max rompeu o silêncio, me olhou profundamente nos olhos e disparou: “Esta terra vai acabar”. Em seguida me fitou novamente e complementou: “O senhor fez uma foto profética; guarde-a, é uma foto profética!”

Um grito ensurdecedor ecoou dentro da minha cabeça; os pelos do meu corpo se arrepiaram... Senti uma dor no peito e um profundo pesar... Lembrei-me das mais de 250 mil pessoas que perderam a vida naquele fatídico 12 de janeiro, data do terrível terremoto que devastou o país cinco anos depois daquele clique. Perguntei ao meu parceiro Paulo Manso se tinha escutado aquela história. Ele, em silêncio, balançou a cabeça positivamente. Ofereci a Max uma foto de presente. Para a minha surpresa ele escolheu uma do Palácio Presidencial, ícone do orgulho nacional.



ALEXANDRE DE PAULO - 05/12/2005

“Laté Pral Fini” (em creoule) significa: “Esta terra vai acabar”



PAULO MANSO

Max Lensky (ao centro), hipnotizado, analisando uma “foto profética”

Escombros e



Bon bagay

Expressão em creoule haitiano. Na tradução literal, quer dizer “coisa boa”. Mas pode ser entendido como “gente boa”, conforme tornado comum pelos haitianos desde que a Minustah interveio no país

PAULO MANSO - No caminho para o Forte Nacional, continuávamos impressionados com a “terra de ninguém” que é o trânsito de Porto Príncipe. Muito velhos, carros, motos e caminhões gigantes dançam freneticamente em ziguezague nas ruas também invadidas por pedestres.

A população parece acostumada com as viaturas, tanques e as armas empunhadas pelos homens de capacetes azuis. A poeira levantada pelos carros também não parece incomodar. Muitos acenavam para nós e nos chamavam de “bon bagay” (expressão em creoule que pode ser traduzida por “gente boa”). Crianças corriam atrás das viaturas.

A simpatia transborda, em meio a tanta miséria e sujeira. Alguns se sentiam incomodados com nossas câmeras. Reclamavam. Ato contínuo, nós baixávamos nossas “armas” e pedíamos desculpas. Era a senha para eles deixarem a queixa e acenarem com o característico sorriso fácil.

Os tap taps coloriam as ruas apinhadas de gente. Augustinho explicou que a passagem custa entre 5 e 15 gourdes, dependendo da distância a ser percorrida e que os tap taps circulam apenas em linha reta. Ou seja, os veículos só podem transportar seus passageiros na

mesma avenida. Gourde é a moeda local. Para efeito de comparação, US\$ 1 equivale a 45 gourdes. Portanto, a passagem de tap tap custa, aproximadamente, de R\$ 0,28 a R\$ 0,85.

Pallemborg comentou sobre sua admiração diante da capacidade que os haitianos têm de aprender outros idiomas rapidamente. Augustinho fala fluentemente quatro línguas. Pallemborg conheceu um jovem que falava nada menos que 15 idiomas! “Colegas diziam que ele era adepto do vodu e que espíritos incorporavam no jovem e isso explicaria sua habilidade”, comentou, cético.

Do Campo Charlie até Forte Nacional, cenas chocantes de miséria. Famílias com baldes buscando uma água insalubre, acinzentada, para consumir ou, na melhor das hipóteses, cozinhar ou lavar algo.

Passamos pela área portuária de Porto Príncipe, onde se encontra o Mercado Venezuela, mais conhecido como “A Cozinha do Inferno”. Uma feira gigantesca, sem a menor condição de higiene, onde é comercializado de tudo. De frutas a cascas de laranja. De ervas a biscoitos de barro. Cheiro forte de alimentos estragados. Um mar de gente se amontoa e transita pelas vielas estreitas e escuras. O apelido é merecido.



Prédios avariados e condenados pelo terremoto permanecem vazios, como uma cidade fantasma; pouco foi refeito desde 2010

Uma cozinha infernal

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Mercado Venezuela, mais conhecido como “Cozinha do Inferno”, é uma feira gigantesca pela qual circulam centenas de pessoas e onde se comercializa de tudo sem a menor condição de higiene

Terremoto castigou muito Bel Air, comuna que montou valas comuns

Passamos em frente ao local que abrigava o Palácio Presidencial do Haiti. Tapumes tentam esconder a vergonha do que já foi orgulho graças ao seu simbolismo e beleza arquitetônica. O palácio foi duramente castigado pelo terremoto de 2010 e deixou de existir em 2012, quando foi totalmente demolido. Há controvérsias sobre sua reconstrução por parte de franceses e norte-americanos.

Subimos ladeiras íngremes na direção do forte. O bairro é Bel Air. Um dos mais difíceis de serem conquistados pelo Exército entre 2004 e 2007, início da Minustah. A geografia lembra muito a das favelas cariocas. Os militares instalavam postos fixos em cada região conquistada, conforme iam avançando na direção

do topo do morro. Esses postos eram chamados de Pontos Fortes e foram os embriões das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) no Rio de Janeiro.

É, também, a região mais atingida pelo abalo de 2010. Poucas edificações estão sendo refeitas. Andar por Bel Air deixa a impressão de que o terremoto é mais recente, tamanho o abandono e os escombros ainda visíveis. Sob a área em frente à entrada principal do Forte Nacional, jaz parte da tragédia. Augustinho afirmou que ali estão sepultados os corpos de 400 vítimas do terremoto. “Muita gente morreu ou ficou muito ferida. Não dava tempo de atender a todos. E os corpos daqui foram apodrecendo e precisávamos enterrá-los aqui mesmo, numa cova conjunta.”

60%
da população haitiana
não têm emprego

Fonte: Pnud

20%
do povo do Haiti
possuem água encanada



Bel Air é um verdadeiro caldeirão

PAULO MANSO - Bel Air não é o lugar mais pobre de Porto Príncipe. Mas é o que mais mostra feridas do terremoto de 2010 ainda não cicatrizadas. As edificações, em sua grande maioria, permanecem destruídas. Ícones da capital, como a Catedral de Notre Dame (réplica da original francesa) e o Palácio Presidencial, estão longe de serem reconstruídos.

É em frente à antiga sede do Poder Executivo, inclusive, que ocorrem as constantes manifestações da oposição ao presidente Michel Martelly. Lugar que transpira história!



Patrulhas armadas são diárias para manter o que os militares chamam de “ambiente seguro e estável”



Forte Nacional foi um dos pontos mais atingidos em 2010. Vítimas foram enterrados nas proximidades

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



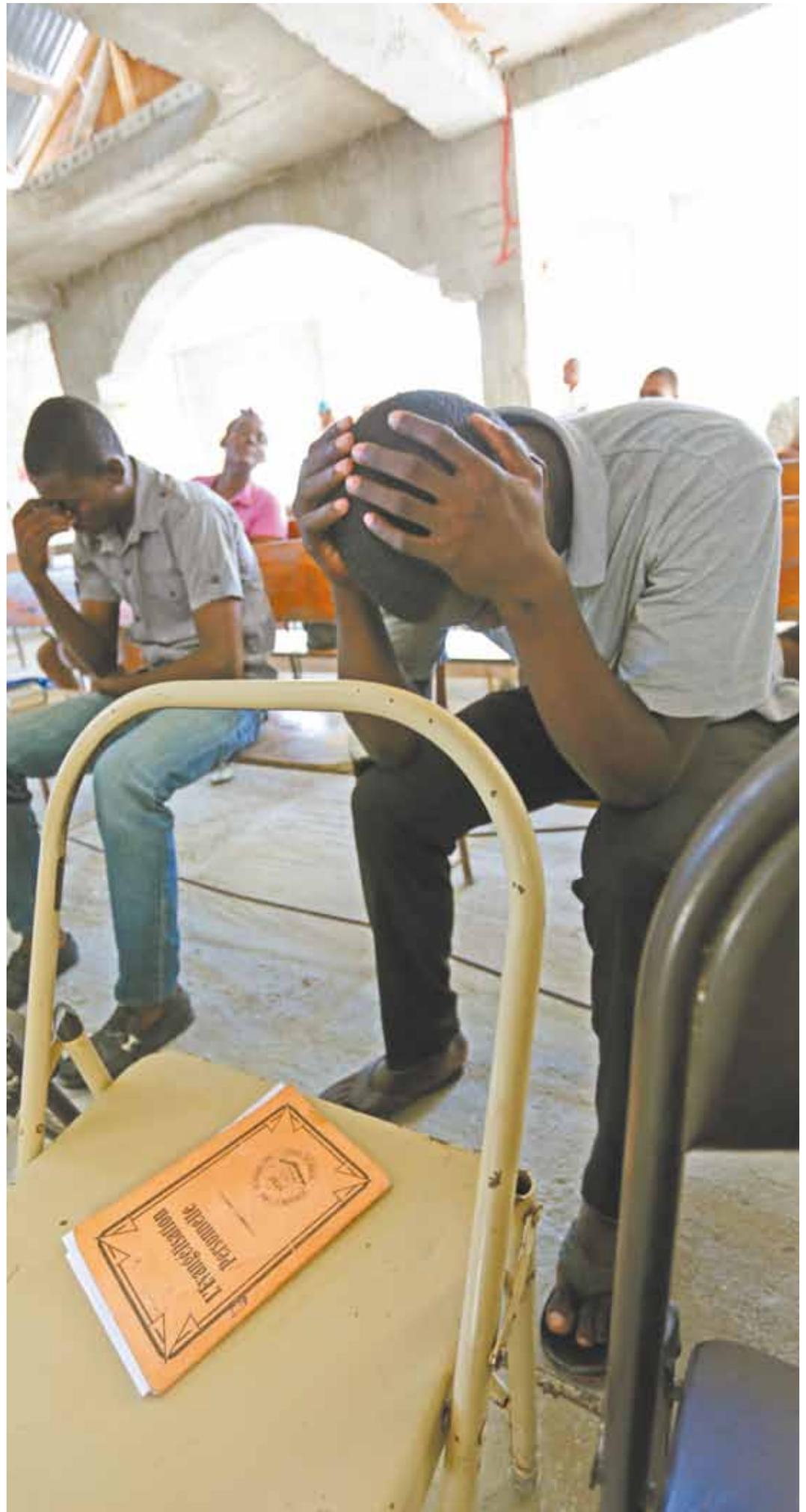
A esperança no olhar, na preocupação com o colorido e na muda de planta nas mãos da g



Extremamente difícil encontrar mulheres haitianas que não estejam trabalhando



Garotinha haitiana: o que reserva o futuro?



Evangélicos são minoria em um país majoritariamente cristão, mas que não abandona o sincretismo religioso



Soldado busca sinal de internet para matar a saudade da família no Brasil

Procurando Rob



O passado presente

PAULO MANSO - No Forte Nacional, fomos recepcionados pelo sub-comandante daquela base, capitão Thiago Quadros, e por seu substituto no contingente seguinte, capitão Alexandre Meirelles. Quadros nos levou ao mirante, onde aproveitou a privilegiada visão que se tem de Porto Príncipe para nos dar uma aula de localização. Nos mostrou bairro a bairro, pontos importantes como o monumento incompleto em homenagem à independência do Haiti (que deveria manter acesa uma pira), o terreno do Palácio Presidencial, os escombros da Catedral de Notre-Dame, os bairros (ou comunas) de Bel Air, Cité Militaire, Cité Soleil, a Praça da Paz, o Mercado de Ferro etc.

Incansável, Alexandre de Paulo mostrava as fotos para os oficiais, que demonstraram lembrar-se de uma das ruas retratadas. “Esta parece a Rua Saint Martin”, disse Quadros. Embarcamos em uma viatura. No caminho, mais edificações ainda destroçadas pelo terremoto e muita pobreza. De repente, um buzinaço!

Carros à nossa frente começaram a frear e dar marcha à ré. Um grupo de aproximadamente 100 motocicletas veio na direção contrária. Era uma manifestação contra o presidente Michel Martelly. Pilotos sem capacete, carregando ramos de folhas e cartazes, gritam contra o governo. Os cartazes ameaçavam: “Se atirarem paramos o país”.

Passado o susto, chegamos à Rua Saint Martin. Em uma esquina, Alexandre deu um pulo. “É aqui! Tenho certeza”, afirmou. Descemos da viatura e ele partiu sem freio na direção de uma igreja. Na verdade, um pavimento ainda em

obras e com teto improvisado. Na frente, a única coisa que sobrou do templo fotografado em 2005: uma parede de cor verde, pichada, virou involuntariamente um memorial para Alexandre.

A pastora Clemence pregava em um culto evangélico para aproximadamente 15 fiéis. Ela era apenas um membro da Igreja de Deus Pentecostal no dia 12 de janeiro de 2010. Na fatídica tarde, Clemence estudava espanhol no interior do templo. Duas horas antes do abalo, saiu para buscar a filha na escola e só por isso se salvou.

Dentro da igreja, o pastor tentou correr na direção da saída, mas foi atingido na cabeça por um pedaço do telhado que despedaçava. Morreu poucos minutos depois. Desde então, é Clemence que cuida do rebanho e tenta reerguer a igreja.

Alexandre mostrou suas fotos para ela e outros fiéis. Um deles fitou mais demoradamente a imagem que retrata três crianças e saiu para as empoeiradas ruas de Bel Air em busca de mais informações.

Fomos acompanhando as pessoas, que iam passando a foto de mão em mão, ora fazendo cara de quem reconheceu um amigo, ora de quem não se lembrava daquele rosto. A busca durou aproximadamente 30 minutos. Embrenhamo-nos pelas estreitas vielas da favela. De um quarteirão para outro. Até que uma senhora, sentada no chão de uma área de aproximadamente 4m², ao lado de três crianças, abriu um largo sorriso ao ver a foto: “*Oui, oui. Est ma fille. Comme ce était petite* (Sim, sim. É minha filha. Como está pequenininha)”.

A busca proposta por Alexandre parecia algo impossível, mas a garota de olhar expressivo em 2005 sobreviveu ao terremoto. Tem 20 anos. Roberta estava na escola, e a mãe correu para buscá-la. O reencontro foi emocionante. Ela não se lembrava dele, nem do instante distante nove anos. Mas ficou feliz em saber que alguém se preocupou com ela, que vive em um lugar tão esquecido.

O único momento de tristeza foi quando o tema terremoto entrou na conversa. Não só ela, mas todo haitiano com quem conversamos mudou o tom de voz e jogou o olhar em um vazio impenetrável. Na tarde de 12 de janeiro de 2010, ela brincava com uma amiga no Ponto Forte de Bel Air (o primeiro instalado pelo Exército brasileiro no Haiti). Após o tremor, que durou por volta de um minuto, Roberta ficou soterrada e viu a amiga morrer ao seu lado, esmagada. Ela quebrou o braço, mas a ferida na alma permanece... incurável.

Abaixo, o reencontro emocionado de Alexandre e a haitiana



FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



A jovem Roberta, com sua fotografia de 2005. Entre uma imagem e outra, dor de ferimentos e perda de uma amiga

erta



Na 'saga' para encontrar a garota, a foto passou por muita gente



Incursoão por vielas estreitas de favela em Bel Air para achar a garota



Pastora Clemence (dir.) sobreviveu ao terremoto e reconstrói a igreja



Susto! Manifestação contra o governo nos pegou de surpresa

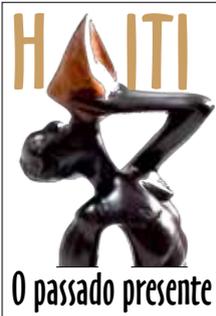
Apenas
10%
das casas
no Haiti têm
energia
elétrica

A moeda oficial é o
gourde
(US\$ 1 equivale
a 45 gourdes,
aproximadamente)



Parede verde foi o que restou do antigo templo (no detalhe, à esquerda, foto tirada em 2005)

Faixa de Gaza



PAULO MANSO - À noite, após o jantar, nos preparamos para sair em uma patrulha noturna. Inicialmente a programação era nos levar a Cité Soleil, local de maior resistência ao controle das tropas e que é foco de quase metade dos assassinatos no Haiti ainda hoje.

No entanto, uma briga entre gangues rivais mudou os planos. Mantivemos a atividade, porém em outros bairros, também problemáticos, mas que estavam em paz especificamente naquele dia.

Vestimos coletes à prova de balas e capacetes e embarcamos em dois Urutus, tanques de guerra blindados de cor branca e logotipo da ONU. Passamos pelas ruas do entorno da Cozinha do Inferno, visitada pela manhã. De noite, o lugar mais parece uma cidade fantasma. É de dar medo! Assustador o cenário que combina edificações destruídas pelo terremoto, falta de energia elétrica, grupos de pessoas concentradas nos poucos focos de luz, alguns pontos de música alta e muita bagunça.

Chegamos à chamada “Faixa de Gaza”, rua estreita que divide duas comunidades, Simon e Pelé, que vivem em guerra pelo controle do bairro Cité Militaire. Ali e naquele horário, nenhum civil se arrisca a passar. Outro lugar assustador. Descemos dos blindados e acompanhamos a “varredura” dos soldados pelos barracos a pé. Eles portavam fuzis equipados com lâmpadas. Caminhamos por alguns metros até se afastar um pouco da área mais crítica e conflituosa. Aos poucos, começaram a surgir pessoas nas ruas, em meio à escuridão, com olhares curiosos.

Um pouco mais à frente, num dos raros pontos com energia elétrica, um grupo de pessoas cantava e dançava animadamente, como se não vivessem naquela situação. A cena do grupo abrindo passagem para o tanque sem interromper a festa foi surreal!

Perguntei a um morador como era viver em meio a uma guerra de gangues. Estávamos em Simon. “Não sei de nada. Apenas vou vivendo”, limitou-se a dizer Jean Diebin, de 42 anos, com medo de se meter em encrenca.

Tenente Pacheco, que comandou a incursão, disse ser comum as pessoas não falarem sobre os conflitos. “Têm medo. Na semana passada uma mulher de Simon estava com seu filho machucado, mas não tinha coragem de entrar em Pelé, lugar que abriga um posto de saúde. Tivemos que levar o garoto até lá”, explicou.

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



- 1 Moradores curiosos durante patrulha noturna em Simon-Pelé
- 2 Soldados fazem “varredura” nos becos e barracos escuros
- 3 Missão foi feita em dois Urutus da Força de Paz da ONU
- 4 No fim da incursão, raros pontos de luz elétrica na “Faixa de Gaza”

Amanhã, no terceiro dia da série especial “Haiti - O passado presente”, você vai conhecer os extremos da miséria e o bairro chique de Porto Príncipe. Sim, ele existe!

Onde a classe média não existe



PAULO MANSO - O haitiano Joseph Luckner, de 42 anos, é intérprete da ONU. Desde o início da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), em 2004, trabalha auxiliando estrangeiros como eu e Alexandre de Paulo, que não falamos francês, a conseguir se comunicar no país caribenho. Era ele o guia de Zilda Arns no trágico 12 de janeiro de 2010, quando a missionária brasileira morreu durante o terremoto.

A bordo de uma viatura do Brabat, batíamos um papo sério sobre as condições subumanas de sobrevivência flagradas por nós nas ruas de Porto Príncipe. “Aqui praticamente não temos classe média. Ou o cara é muito rico, ou é muito pobre”, disse. Em um lugar repleto de contrastes, esta é a face mais triste de tal característica. Estávamos a caminho de um outro Haiti. Próspero, com luz, coleta de lixo e água encanada: Pétienville. Não há como comprovar, mas ouvimos de mais de uma pessoa que 12 famílias detêm todo o poder econômico do país. A fortuna concentrada nas mãos de

pouquíssimos e a miséria espalhada por tantos. Os extremos da pobreza e da riqueza saltam aos olhos mais insensíveis.

Não há como desviar a atenção de tamanha polarização. Ver gente guiando um carrão e morando em mansão tão perto de alguém comendo biscoito de barro chega a ser agressivo.

Vimos de perto esse choque de realidades tão distintas. Tomamos um banho de humanidade, como disse uma colega de profissão. Tivemos contato com as duas regiões mais miseráveis de um país extremamente miserável: a aldeia Port Glacé e a região de Ti Haiti. E com a parte nobre de Porto Príncipe.

As visitas deram razão à constatação do general José Luiz Jaborandy Jr, comandante do braço militar da Minustah, durante entrevista ao **Metrô News** em Porto Príncipe: “Não há pessoa, civil ou militar, que venha ao Haiti, conheça sua realidade, e consiga voltar para casa do mesmo jeito. O Haiti nos faz diferentes.”

ALEXANDRE DE PAULO



Bem vestida, mulher caminha pelas ruas de Pétienville entre carrões e árvores: outra realidade

*CONSULTE CONDIÇÕES

**PELOS SEUS SONHOS.
PELA SUA CARREIRA.**

+ DE 50 CURSOS

MENSALIDADES
A PARTIR DE:
R\$ 349*

ProUni
BOLSAS DE ATÉ 100%

FIES ILIMITADO

VESTIBULAR
INSCRIÇÕES ABERTAS **2015**

Prova: **31/01** ou **01/02**
OU AGENDE PROVA ELETRÔNICA

UnG | **45** Anos
Sua Universidade Completa.
Sua Carreira

www.ung.br 11 2475-8300

Duas faces da extrema pobreza



PAULO MANSO - Na noite de domingo, 30 de novembro, nossa ansiedade era bem maior que o cansaço da longa viagem. Antes de dormir, conhecemos três oficiais da Companhia de Engenharia do Exército (Braengcoy): o major Adailton Bortolucci (subcomandante), o capitão Monteiro de Barros e a tenente Leciane Moreira (ambos da Comunicação Social).

Eles sugeriram uma 'senhora' pauta para o dia seguinte: uma ação de Cooperação Civil-Militar no Lac Azuéli, localizado a sudeste do Haiti, próximo da fronteira com a República Dominicana, em Mal Paso, e distante aproximadamente 50 km do Campo Charlie. Teríamos que levantar às 4h para acompanhar os comboios que levavam botes infláveis e mantimentos a uma comunidade isolada.

A operação era uma parceria do casal de missionários Ana Lúcia e Francisco Cesar, ligados à Igreja do Evangelho Quadrangular, com a Braengcoy. "Já estive em Angola e há dois anos estou no Haiti, de onde não pretendo sair", disse Ana. "Conhecemos o pessoal do Exército através de um trabalho em comum num dos cinco orfanatos com os quais trabalho com meu marido dando educação para adultos."

Chegamos ao lago às 7h em um micro-ônibus junto do tenente-coronel Alessandro da Silva, comandante da Braengcoy. "O trabalho começou há duas semanas nesta aldeia, com uma viagem de reconhecimento", explicou. "No início eles estranharam, já que disseram nunca ter recebido uma ajuda humanitária."

O lugar tinha visual paradisíaco. O calor era forte. Setenta e dois homens (incluindo alguns oficiais da tropa peruana que compõem a Minustah) em três botes carregaram os donativos até um ponto remoto do outro lado do lago.

O contraste entre aquele paraíso e a aldeia era gritante. A travessia durou cerca de 10 minutos. Ao che-

garmos, uma pequena multidão já se aglomerava nas margens do lago. Port Glacé existe desde 1966, segundo um morador, que afirmou viverem ali cerca de 400 pessoas. Prefiro dizer que sobrevivem. Pareciam bichos. Acuados, na defensiva. Poucos demonstraram alegria com a nossa chegada. A maioria pareceu reticente. Não possuem energia elétrica, água potável, saneamento básico.

Descemos dos botes e o solo cheio de pequenas pedras tinha espalhado muito lixo misturado com fezes. As pessoas fazem as necessidades em qualquer lugar. Pequenos animais parecidos com calangos, apressados, fugiam de nossos passos.

Os militares organizaram uma fila e montaram barracas para distribuir um tipo de donativo em cada uma: água, depois cestas básicas, remédios, roupas e brinquedos para as várias crianças.

O mais complicado era manter a calma no momento de organizar a fila. Ninguém queria ficar para trás, não importando se quem está na frente é um idoso, uma mulher grávida ou com um bebê de colo. A falta de solidariedade era nítida. Em uma explanação sobre as ações civis-militares que tivemos na base, o coronel Josué Lubas falou sobre a teoria da hierarquia das motivações humanas, de Abraham Maslow. Segundo o estudo, na base da pirâmide estão as necessidades mais básicas, como comer e beber. É exatamente neste patamar que se encontra a maioria dos haitianos. 80% da população vivem abaixo da linha da miséria. Como esperar consciência solidária quando chega comida?

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de **0,404**, o mais baixo fora da África

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Lixo espalhado ao redor dos barracos contrastam com o visual paradisíaco do lago



Garotinha recebe medicamento durante ação de cooperação civil-militar: novidade



Mulher demonstra sentir dor ao ser atendida por médicos brasileiros: pés judiados



Família de Dude Leimy e Jean-Bernard - ambos de 18 anos -, pais de Jean-Berlin, de 4 meses

Falta segurança e assistência médica

Em um barraco aberto nas laterais e com o telhado de palha destrocado, uma senhora usava carvão para esquentar um óleo e fritar algo parecido com um pastel. Etide Méri, de 65 anos (exceção em um país que possui expectativa de vida de apenas 49), afirmou morar em Port Glacé há 15. Desde 2003 vive de vender arroz e aqueles “pastéis”, feitos de uma massa de farinha e recheio de carne de frango. Teve 11 filhos. Um deles morreu assassinado, assim como o marido.

A matança teria sido motivada por uma dívida pela compra de carvão (muitos ali produzem e vendem o produto). “Na ocasião, mulheres grávidas morreram porque entraram no lago para fugir dos assassinos”, explicou Lys Barthold, de 57 anos. “Vivemos mal aqui. Não temos segurança. As mulheres grávidas não têm qualquer assistência”, disse Bonheur Louimeus, de 42 anos.

A falta de assistência médica foi o que obrigou a jovem Dude Leimy, de 18 anos, a ter sua filha pelas mãos de Oceani Amilka. Uma velha parteira (*fam chai*, em creole) da aldeia que disse não saber a própria idade.

Leimy mora em um barraco de pau a pique (como todos ali) de 2 por 2,5 metros, com 2 de altura do chão de terra pisada até o telhado de palha. Vive com seu marido Jean-Bernard, pescador também de 18 anos, e a pequena e linda Jean-Berlin, de apenas 4 meses de vida. Pagam aluguel da pequena caixinha quente e úmida em que moram. A porta é improvisada com um pedaço de metal. As dobradiças são pedaços de sandália velha pregados em tampas de plástico de algum refrigerante.

Passamos por outro barraco e encontramos Bebí. Seu nome é Robenson Chéry. Tem 24 anos e tentava consertar uma engenhoca. Uma placa velha de captação de energia solar estava encostada em seu barraco. Deveria alimentar um pequeno rádio, mas não estava funcionando. Bebí já acompanhou pelo aparelho jogos do Barcelona e do Real Madrid. Perguntei se ele conhece o Corinthians, meu time de coração. “Oui, oui!”, se apressou a dizer, com o sorriso nos lábios de quem se lembra de “Ronaldô Fenômeno”. O futebol é mesmo algo universal! A alguns metros dali, um campo montado pelos oficiais do Braengcoy reunia uma turma numerosa.

Naquele momento, um som chamou nossa atenção. Perto dali, o dono de outro barraco fez o que Bebí não conseguiu. Sua placa de energia solar alimentava eficientemente um pequeno rádio. No meio do nada, uma placa encostada numa árvore, de onde saíam dois fios que faziam tocar “Never Say Never”, de Justin Bieber.

As histórias tristes se sucediam. Na cabana do atendimento médico, uma mulher fazia cara de dor ao ser submetida a um curativo nos pés judiados. Mas o que seria aquela dor física perto daquela que a fome e o desamparo causam todos os dias?

Conforme os donativos iam acabando, a coisa ficava mais complicada. Um oficial comentou, depois, que aquele povo vive um instinto de sobrevivência que prioriza o hoje, não o amanhã. “Eles não têm noção de dividir. Precisam sobreviver. Para isso, chegam a tirar as coisas dos outros por não saber se alguém dará o que comer amanhã. O que importa é garantir o hoje”, disse. Alguns trocaram de roupa para tentar receber novamente os donativos. E, aos poucos, pessoas de outras aldeias próximas começaram a chegar e o clima ficou diferente. Não sabemos se permaneceu amistoso depois que saímos de lá.

À noite, já de volta a Porto Príncipe, eu e Alexandre rezamos juntos por aqueles pobres na diminuta capela dos soldados.



Homem sobrevive produzindo carvão na aldeia Port Glacé, na fronteira com a República Dominicana





Pobreza distante de comparação

PAULO MANSO - Muitas pessoas nos perguntaram, quando voltamos ao Brasil, se havia algum lugar em nosso País que pudesse ser comparado aos bairros miseráveis de Porto Príncipe. Para todos a resposta foi negativa. A pobreza verificada no Haiti foge a todos os padrões. Chegava a doer nos ouvidos o discurso de que o país caribenho está bem melhor hoje do que logo após o terremoto, em 2010.

É difícil imaginar algo mais degradante do que vimos. Crianças comendo terra para não morrer de fome. Famílias buscando água insalubre para consumo e banho. Pessoas morando nas ruas por não aguentarem o calor dentro dos barracos feitos de paredes e telhados de zinco. O Haiti mudou todas as nossas referências de pobreza. Não há mais como observar a miséria humana com os mesmos olhos.

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Mãe banha filha em barraco de zinco na favela de Ti Haiti

Garotos mostram



Garotos brincam com carrinhos feitos de garrafas de plástico: nem mesmo a dura realidade tira o sorriso do rosto dos haitianos, que insistem em manter acesa a chama da esperança



habilidade com a bola e se alegram com nossa presença

PAULO MANSO



Água é aguardada com ansiedade por um grupo de meninos



Porcos e cabras são comuns em meio ao lixo e entre as várias crianças



Canal que deveria escoar água para o mar está entupido de lixo. Quando chove, todo esse material pode invadir os barracos onde vivem centenas de pessoas. É o cotidiano em Cité Soleil

Onde deságua toda a imundície,



PAULO MANSO - Cité Soleil foi a última comuna (o que equivale a um bairro nas cidades brasileiras) a ser conquistada pela Minustah, liderada pelas Forças Armadas do Brasil. Do início da missão de paz, em 2004, foram três anos até suprimir as gangues fortemente armadas que digladiavam pelas ruas em guerra civil.

Ainda é a região mais violenta do Haiti - metade dos assassinatos registrados no país acontece em Cité Soleil. "Hoje vemos a violência típica de lugares muito pobres. Crimes passionais, discussões terminadas em golpes de faca, estupros e violência contra a mulher. Delitos combatidos a nível policial. Nada comparado à guerra de grupos armados do início da missão", afirmou o capitão Leonardo Sampaio, comandante da base local.

Há tempos que o Exército deixou de combater esse tipo de ocorrência no Haiti. "Estamos no terceiro nível de repressão. Antes de nós, a Polícia Nacional Haitiana atua. Depois, a Polícia da ONU. Apenas em casos extremos, em que as duas instâncias não resolvem, é que nós intervimos", disse.

No dia anterior à nossa visita, um conflito ocorreu em Cité Soleil. Capitão Sampaio explicou que a briga ocorre entre a parte alta da comuna (Boston) e a parte baixa (Brooklin) pelo domínio de território para extorsão dos motoristas de tap taps. Quanto maior for o território dominado, mais tap taps circulando e mais "pedágio" para o caixa das gangues.

A região não é grande, tem aproximadamente 7 mil m², mas é muito movimentada. Seus 365 mil habitantes compõem um cenário degradante vendendo de tudo em meio à sujeira e ao esgoto, que corre a céu aberto. Até combustível é comercializado, em tonéis e sem a menor preocupação com a segurança. Água para consumo, algo raro no Haiti, é vendida por ambulantes por 30 gourdes (aproximadamente R\$ 1,70 a lata). Saquinhos menores são comprados por 5 gourdes nas ruas (três saem por R\$ 0,28).

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Remissões à ligação entre haitianos e brasileiros podem ser encontradas em todo canto. Acima, na região portuária de Cité Soleil, um tanque tem as cores do Brasil e pichações sobre a Copa do Mundo

Soldado brasileiro baleado

Foi em Cité Soleil que o soldado brasileiro Peterson Ramos Fiuza, de 21 anos, foi baleado na perna durante patrulha motorizada na noite de 2/1. Integrante do 21º contingente que o Brasil enviou ao Haiti, Fiuza sofreu cirurgia e está fora de perigo.

Terra no cardápio

PAULO MANSO - Antes de voltarmos à base, e quando era unimaginável presenciar algo mais chocante do que as condições de vida em Ti Haiti, passamos em uma fábrica de biscoitos. Foi assim que os oficiais nos venderam a pauta. A "fábrica", na verdade, era o chão de uma das vielas da favela. Sob uma rara árvore (sem energia, o Haiti sofre constante desmatamento para a fabricação de carvão), três mulheres compunham a linha de produção. Uma delas trabalhava com um bebê no colo. Outra criança, com idade não superior a 3 anos, enxergava com dificuldade e tinha a boca suja de barro. Havia acabado de se alimentar...

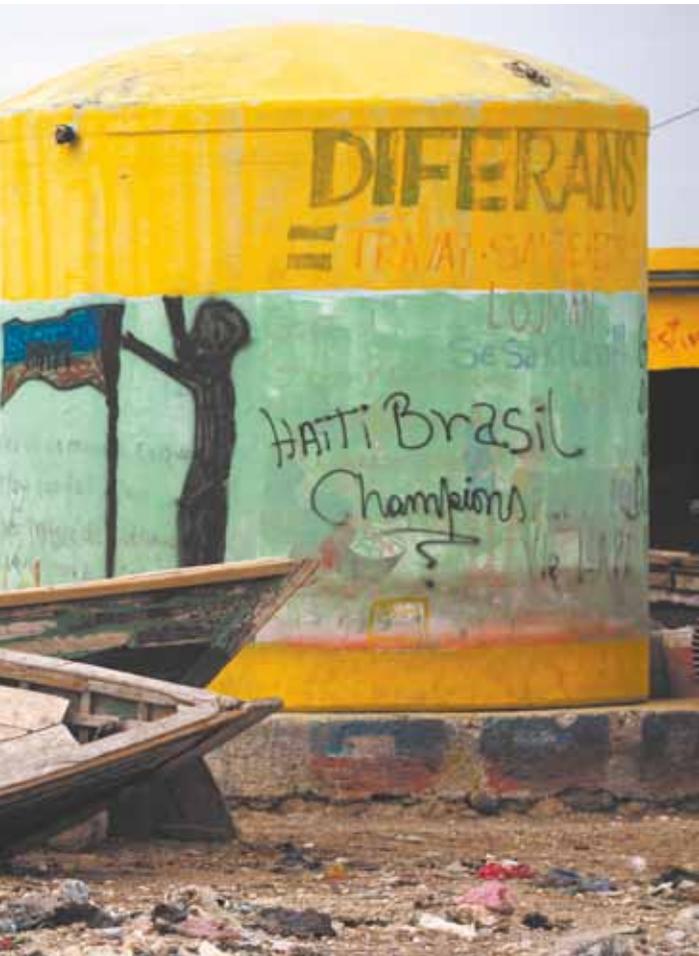
Os biscoitos fabricados ali são feitos com água (poluída), manteiga e terra. Atrás das mulheres, centenas deles secavam sob o escaldante sol caribenho. A poucos metros, uma quadra esportiva abandonada tinha o piso repleto de outros biscoitos de barro a espera do ponto ideal para a venda ou consumo.

Há quem diga que no extremo da fome, a terra possui alguns nutrientes capazes de manter o ser humano vivo. Não há comprovação para a afirmação, mas o fato de presenciar pessoas comendo e vendendo biscoitos de barro dá a noção exata do nível de miséria em que se encontra a maioria dos haitianos.

ALEXANDRE DE PAULO



crianças brincam com porcos



Marcas de tiros são comuns nas paredes das casas de Cité Soleil: violência permanece



As pessoas parecem acostumadas com o lixo; não têm opção e sobrevivem aos perigos



Cena comum após o terremoto: órfãos que se vêem obrigados a cuidar de irmãos menores



Pai busca água - suja - para tomar banho enquanto filho aguarda com uma bucha nas mãos

'Pequeno Haiti' é a maior favela do país

Criado no fim da década de 1950 pelo ditador Papa Doc para ser um bairro industrial, Cité Soleil viu sua população crescer na busca pelo emprego, ficar sem qualquer estrutura após a fuga das empresas durante o turbulento governo de Baby Doc, e virar um quartel-general do crime.

O bairro fica na beira do mar e contribui incisivamente para a poluição da Baía de Porto Príncipe. Por sua localização, e por ser um país sem saneamento básico, toda a imundície produzida nas serras do Haiti desaguam em Cité Soleil, a região mais pobre da pátria mais pobre das Américas.

Jovens impecavelmente uniformizados a caminho das escolas contrastavam com a devastação do local. Ruas estreitas entremeadas por canais de esgoto e água suja. Foi fácil flagrar pessoas buscando essa água com baldes. O cheiro era forte e ruim. Algumas edificações tinham marcas de tiros, resquícios da violência.

A alguns metros, o extremo da pobreza. Em Ti Haiti (Pequeno Haiti, em creole), a maior favela do país, os barracos não têm apenas o telhado de zinco, mas as paredes também. Isso e o medo de novos tremores de terra explicam o fato de muitos haitianos permanecerem o tempo todo do lado de fora de suas "residências".

Foi impossível caminhar pelas vielas de terra e não pisar nas fezes de animais e de seres humanos. Montanhas de lixo entupiam grandes canais que deveriam escoar a água para o mar. Até o lixo é pobre. Só quem aproveita são os porcos. Aos montes, eles circulam entre as crianças chafurdando naquela podridão.

Crianças curiosas apare-

ciam de todos os cantos. Algumas nuas, outras apenas com uma camiseta velha. Todas descalças, não ligavam para o chão molhado com esgoto. Um grupo jogava futebol em uma viela. Outro tentava entender o que Alexandre de Paulo fazia com duas máquinas fotográficas nas mãos.

Foi impossível, também, conter as lágrimas ao ouvir tantos pedidos. Dinheiro? Não! Pedem "dlo" (água, em creole). E pedem para que os tirem de lá. Um garotinho, aparentando 7 ou 8 anos, cutucava meu braço. "Você meu papá [sic]. Me leva pra Brasil", pedia. Como não me lembrar de meu filho, de 2 anos, cercado de cuidados em casa? Como não sentir nojo de tamanha desigualdade?

O pequeno Michelon Pierre, de 11 anos, soltou um "I'm fine" (Eu estou bem, em inglês), talvez para chamar minha atenção. Na verdade, nada vai bem. "Não sei o que é pior aqui. Mas acredito em Deus e quero viver bem no futuro", desabafou quando eu perguntei sobre sua maior dificuldade em Ti Haiti.

Davidson Charles, de 18, identificou com clareza o que mais o incomoda ali. "Falta educação e saúde. Quando chove, todo esse lixo que você está vendo invade nossas casas. Quem fica doente acaba morrendo, sem atendimento", disse. "Não temos segurança aqui", reclamou Se-mealnil Wungly, 17. Ele vive com mais cinco pessoas em um pequeno barraco. Ninguém trabalha. "Só minha mãe tenta vender algo. Se ela consegue, a gente come", disse, antes de completar com um "não" seco e de desnecessária tradução à minha indagação sobre a sua esperança de um futuro melhor.

Elite envergonhada

PAULO MANSO



Boa música caribenha em restaurante chique de Pétienville



PAULO MANSO - Em algum trecho desta reportagem citei o quanto são velhos e precários os veículos no Haiti. Por isso mesmo, achei estranho ver alguns carrões aparecerem de vez em quando no meio daquela balbúrdia. Os raros SUVs novinhos são vistos aos montes em Pétienville, bairro que abriga a pequena, mas abastada elite haitiana.

Tomando por base a simplista divisão entre ricos e pobres que verificamos no Rio de Janeiro, no Haiti, a lógica se inverte. Lá são os ricos que moram no alto do morro, e não os pobres. A lei da gravidade e a falta de saneamento básico faz o povo “do

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Bairro exibe mansões, carros de luxo e raro verde: face triste dos contrastes

asfalto” receber toda a sujeira gerada na parte alta da cidade.

O estranho contraste entre a minoria rica e a maioria miserável pode ser explicado pela exploração de nichos da economia por famílias tradicionais e pela migração de haitianos para o exterior. Quase a metade do dinheiro que circula no Haiti vem de pessoas que fugiram do país para tentar a vida em outro lugar.

A gritante diferença de classes se acentuou depois do terremoto de 2010. Antes, os pobres ficavam “ocultos”, escondidos nas imensas favelas, mas o abalo criou uma nova cidade. Sem-teto. Aproximadamente 1,5 milhão de haitianos ficaram

desabrigados (população pouco maior que a do município de Guarulhos, segundo maior de São Paulo) e foram deslocados aos chamados IDPs (*Internally Displaced Persons*, ou campos de deslocados), barracas de lona que se espalharam por Porto Príncipe depois da tragédia.

Na sexta-feira, 5 de dezembro, fomos conhecer Pétienville. Conforme a viatura subia a serra, o cenário ia se modificando. Árvores ficavam menos esparsas e até caminhão de lixo nós vimos. O ar foi ficando mais úmido. Parecia que estávamos saindo do set de um filme de terror e entrando na “vida real”.

Casas grandes, hotéis, res-

taurantes. Uma grande, limpa e arborizada praça – Place Boyer –, com brinquedos públicos onde crianças se divertiam. Uma festa acontecia no local em comemoração ao aniversário do descobrimento da Ilha de Hispaniola.

Mais tarde, voltamos ao bairro. Jantamos em um restaurante localizado na mesma praça visitada pela manhã. No Quartier Latin, a impressão era a de estarmos em Paris: idioma francês, música ao vivo de qualidade, atendimento e comida de primeira. Impossível não se lembrar dos biscoitos de barro e da água insalubre consumida a poucos metros dali.



Jovens se exercitam e se divertem em praça do bairro nobre de Porto Príncipe

Amanhã, no último capítulo da série “Haiti - O passado presente”, o impasse da ONU com o futuro da Minustah, o trabalho dos militares e as histórias de quem sobreviveu ao terremoto.

40%

do PIB do Haiti provém de remessas de haitianos que trabalham no exterior

Sair é preciso. Mas, como?

ALEXANDRE DE PAULO



PAULO MANSO - Dez anos e muito dinheiro investido depois, a ONU vive um dilema: como deixar o Haiti sem correr o risco de retroceder em tudo o que a Minustah conquistou durante a intervenção? A sonhada estabilização ainda não foi conquistada e os índices socioeconômicos patinam.

Se, por um lado, a guerra civil que assolava o país em 2004 foi rapidamente sufocada pelo braço militar da missão, por outro, a miséria, a falta de reconstrução pós-terremoto e a instabilidade alimentada por grupos políticos diferentes conferem uma derrota acachapante para o componente civil da Minustah.

Autoridades ouvidas pelo **Metrô News** disseram que os planos de retirada datam de antes do terremoto de 2010, evento que atrasou o processo. “Em 2012, o plano de consolidação 2013-2016 voltou a ser discutido”, disse o general José Luiz Jaborandy Jr, *force commander* da missão (leia entrevista completa na página 3).

Mas a atual situação política do Haiti deixa tudo em compasso de espera. Na última segunda-feira, o Congresso Nacional foi dissolvido por não ter ocorrido eleição em 2014. O presidente Michel Martelly governa, desde o início da semana, por decreto. “O presidente Martelly está conduzindo uma série de consultas com atores na sociedade civil, nos partidos políticos e no poder legislativo em vista de encontrar uma saída a esse impasse”, disse a chefe da Minustah, Sandra Honoré.

É justamente por não saber ao certo qual será o comportamento de Martelly, agora com poder soberano, que a comunidade internacional ligou o sinal amarelo. “A dissolução do Congresso não vai contribuir para atrair investimentos estrangeiros. Nosso pedido tem sido que o primeiro ou único decreto do presidente Martelly seja para convocar eleições imediatamente”, disse o embaixador brasileiro no Haiti, José Luiz Machado e Costa.



Honoré confia em saída amigável para impasse político

*CONSULTE CONDIÇÕES

**PELOS SEUS SONHOS.
PELA SUA CARREIRA.**

+ DE 50 CURSOS

MENSALIDADES
A PARTIR DE:
R\$ 318*

ProUni
BOLSAS DE 100%

FIES ILIMITADO

VESTIBULAR
INSCRIÇÕES ABERTAS **2015**

Prova: **31/01** ou **01/02**
OU AGENDE PROVA ELETRÔNICA

UnG | **45** Anos
Sua Universidade Completa.
Sua Carreira

www.ung.br 11 2475-8300

Instituições nacionais ainda frágeis



PAULO MANSO - Quando a ONU instalou a Minustah, em 2004, tinha dois objetivos principais, que eram interromper a guerra civil nas ruas de Porto Príncipe, e fortalecer as instituições democráticas do Haiti para que o país pudesse estabelecer um ciclo virtuoso de crescimento.

Se a segurança não é um primor – a violência típica de lugares muito pobres é um problema muito atual –, não se vê mais gangues fortemente armadas em confronto. Mas é nítido que o braço civil da missão de paz da ONU não atingiu seu objetivo.

Somente durante a semana em que ficamos no Haiti, presenciamos uma manifestação e ficamos sabendo de outras duas. Todas organizadas por partidários do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide. A Polícia Nacional Haitiana (PNH), treinada e equipada pelo Exército brasileiro, está atrasada no plano de aumentar o efetivo antes da saída da Minustah.

Sandra Honoré vê com bons olhos o fortalecimento da PNH. “Discutimos

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO

a redução da presença militar no Haiti dado o sucesso de atuação da Polícia Nacional e seu crescimento e profissionalização”, disse. “Quando chegamos aqui havia apenas cinco mil policiais. Hoje são 11.148 e os planos são de aumento do efetivo para 15 mil até 2016.”

Mas o chefe da Cooperação Internacional da PNH não se sente tão otimista. “O plano é formar cinco mil policiais até 2016. Estamos um pouco atrasados. Para alcançar esse objetivo é necessário que formemos entre 1.000 e 1.500 policiais por ano”, explicou Jean-Yonel Trécile.

No Haiti, existe apenas a PNH para fazer a segurança de todo o território. Não há Forças Armadas no país. O oficial admitiu ser temeroso assumir a segurança nacional sem as tropas da ONU. “Sinceramente, não creio que estejamos em condições de assegurar a segurança do país por nós mesmos. Somos uma população de mais de 10 milhões. É mais ou menos um policial para cada mil habitantes. Isso é muito pouco.”



Machado e Costa: “Nosso pedido ao presidente é de eleições já”



Trécile: “Não temos condições de garantir a segurança sozinhos”



Instabilidade política e social ainda é grande no país caribenho

ONU vai revisar em março plano de saída do Haiti

PAULO MANSO - O tenente-general José Luiz Jaborandy Junior, 56 anos, assumiu o braço militar da Minustah em março de 2014. Sucedeu outros oficiais conterrâneos no comando das tropas que também têm em seu efetivo a maioria de soldados brasileiros.

Na tarde de 2 de dezembro, o *force commander* da missão de paz da ONU recebeu o Metrô News em sua sala no Campo Delta, em Porto Príncipe. Falou sobre a sugestão que fez ao secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, para uma saída gradual das tropas do Haiti; e demonstrou apreensão com a situação atual, mas otimismo com relação ao futuro.

Metrô News – Depois de 10 anos de missão, não é hora de pensar em sair do Haiti?

Jaborandy – Nós estamos vivendo um momento de transição. O plano de consolidação da Minustah já vinha sendo pensado antes do terremoto. A missão já havia completado um bom período e a segurança já havia sido reconquistada. Com a ocorrência do terremoto, ao invés de diminuir a presença, tivemos que ampliar, principalmente por razões humanitárias.

Mas qual é a situação atual?

Em outubro de 2014, o Conselho de Segurança da ONU, por intermédio da resolução 2.180, renovou o mandato da ONU por mais um ano. E aprovou uma proposta feita pelo braço militar da missão que precisa ser implementada até o final de junho de 2015, porém dependendo da situação no terreno.

Em que consiste essa proposta?

Em outubro de 2012, foi expedido o plano de consolidação 2013-2016. Esse estudo sofreu algumas acelerações e, no final das contas, foram sugeridas cinco opções do secretário-geral para a nova configuração da presença da ONU no Haiti.

A primeira era modificar radicalmente o contexto atual, mantendo aqui apenas um enviado especial. A segunda opção era uma missão de caráter político, para ajudar na reconstrução das instituições do país. A terceira era manter mais ou menos o que temos hoje, mas sem o componente militar e apenas a presença policial. A quarta previa deixar um pequeno contingente militar, de 1.300 homens. E a quinta opção seria manter exatamente o que temos hoje, esperando 2016.

Nós, do componente militar, vimos que só aparíamos a partir da quarta opção, com um pe-

ALEXANDRE DE PAULO



queno número. Achávamos que isso poderia ser insuficiente face às ameaças de segurança no país. E vimos também que a quinta opção era impraticável por questões de orçamento. Por isso criamos uma opção que chamamos de 4.5. Um passo de prudência. Sugerimos dois centros de concentração de forças: uma aqui em Porto Príncipe e a outra no Norte, na região do Cabo Haitiano. Com um efetivo de 2.370 homens e mulheres.

Quantos militares compõem a Minustah atualmente?

Hoje somos 5.021 autorizados, mas temos 4.974. Nossa proposta reduz 53%. E mudaríamos, também, nosso conceito de operações. Não mais teríamos a capacidade de manter a dissuasão nas ruas. Atuariamos como força de reação rápida em apoio à Polícia Nacional, que por sua vez estará apoiada pela Polícia da ONU.

Quando começa, então, a redução do efetivo?

O secretário-geral aceitou a nossa proposta e submeteu ao Conselho de Segurança. Haverá uma revisão dessa resolução em março. O Conselho vai retificar ou ratificar a resolução e estabelecer o calendário da saída dos militares do Haiti.

Qual é a chance de isso não acontecer?

O Haiti, como você sabe, vive um momento de impasse político. Com o não funcionamento do legislativo, o presidente Martelly pode governar por decreto. Mas nós não sabemos qual será a postura da oposição e das lideranças da sociedade. Essa foi nossa estratégia: só com a revisão da resolução em março é que poderemos começar a pensar na diminuição do efetivo. Porque em janeiro a situação de estabilidade pode mudar.

A postura do presidente Michel Martelly é fundamental nesta etapa do processo, não?

Eu não meto minha mão no campo político e diplomático, mas o que nós esperamos é que o presidente, com o primeiro decreto, já convoque eleições. Essa é a expectativa da comunidade internacional. Nós estamos em compasso de expectativa, com todos os cenários planejados: o de transição pacífica do poder ou o de acirramento dos ânimos e incremento da violência.

As Nações Unidas trabalham com prioridade e orçamento. Nós não podemos ficar no Haiti pra sempre. Temos que dar chance de o país caminhar com suas próprias pernas e decidir seu destino. Nós temos que sempre pensar de forma otimista e positiva em prol do povo do Haiti, que merece uma evolução nesse impasse político na direção da maturidade institucional.

O ambiente seguro e estável apregoado por vocês garante uma saída segura?

Uma coisa é você reconquistar a segurança. Isso foi feito. Outra é você reconquistar a estabilidade. São dois patamares muito distintos sob meu ponto de vista. No momento em que o país mostra à comunidade internacional que está estável, se reorganizando, você traz investimentos em educação, saúde, habitação, transporte, gera riquezas, postos de trabalho, traz dignidade.

O Haiti tem futuro?

Eu sou otimista. Eu acho que esse povo já sofreu o que tinha que sofrer. São séculos de dificuldades e batalha por sobrevivência. Esse processo de amadurecimento social e político leva gerações. Você não muda uma história de séculos em apenas 10 anos. É um processo que envolve a questão cultural, filosófica, patriótica. Mas o povo do Haiti tem muita esperança. Você vê nos olhos deles. Mas isso precisa vir acompanhada de ações pragmáticas. O Haiti tem futuro sim, mas isso depende dos haitianos.

Longa missão



PAULO MANSO - A cerimônia de troca de contingentes dos batalhões brasileiros no Haiti ocorreu durante a semana de nossa estada em Porto Príncipe. Acompanhamos a despedida do 20º e a chegada do 21º grupo de homens e mulheres que mudaram minha percepção sobre o trabalho das Forças Armadas.

Quando saí do Brasil, esforcei-me para lembrar de algo positivo sobre os militares que fosse além das saudosas histórias vividas por meu pai quando serviu na Base Aérea de Cumbica, em Guarulhos, na Grande São Paulo. Não consegui! Confesso que pisei em solo haitiano com a visão obscura por falta de informações precisas e livres de preconceito.

Por aqui, não faltam dedos apontados: se gasta muito para nosso Exército salvar terra alheia; a intenção que nos motivou a assumir a Minustah (a cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU) não foi alcançada; etc. Mas a semana hospedado no Campo Charlie clareou bastante as coisas.

É bem verdade que o objetivo principal do então presidente Lula, em 2004, era melhorar a imagem do País no exterior. E a oportunidade de assumir o componente militar de uma missão de paz da ONU vinha a calhar. A violência era exponencial no Haiti após a saída forçada do contestado presidente Jean Aristide. E o Exército brasileiro não bateu na porta antes de entrar.

Afinal, ao pé da letra, é para isso que servem as Forças Arma-

das. Para combater. E a guerra civil foi suprimida com relativo sucesso. Três anos depois de iniciada a missão, foi conquistada a última resistência do crime organizado: a comunidade de Cité Soleil. A partir de 2007, portanto, os militares poderiam até mesmo voltar para casa.

Mas, na prática, não é assim que a coisa funciona. E o Exército passou, então, a atuar de forma diferente. Seguiu com as patrulhas armadas (o que ocorre até hoje) para manter a “sensação de segurança”, e começou a fortalecer as instituições haitianas, principalmente a Polícia Nacional (PNH).

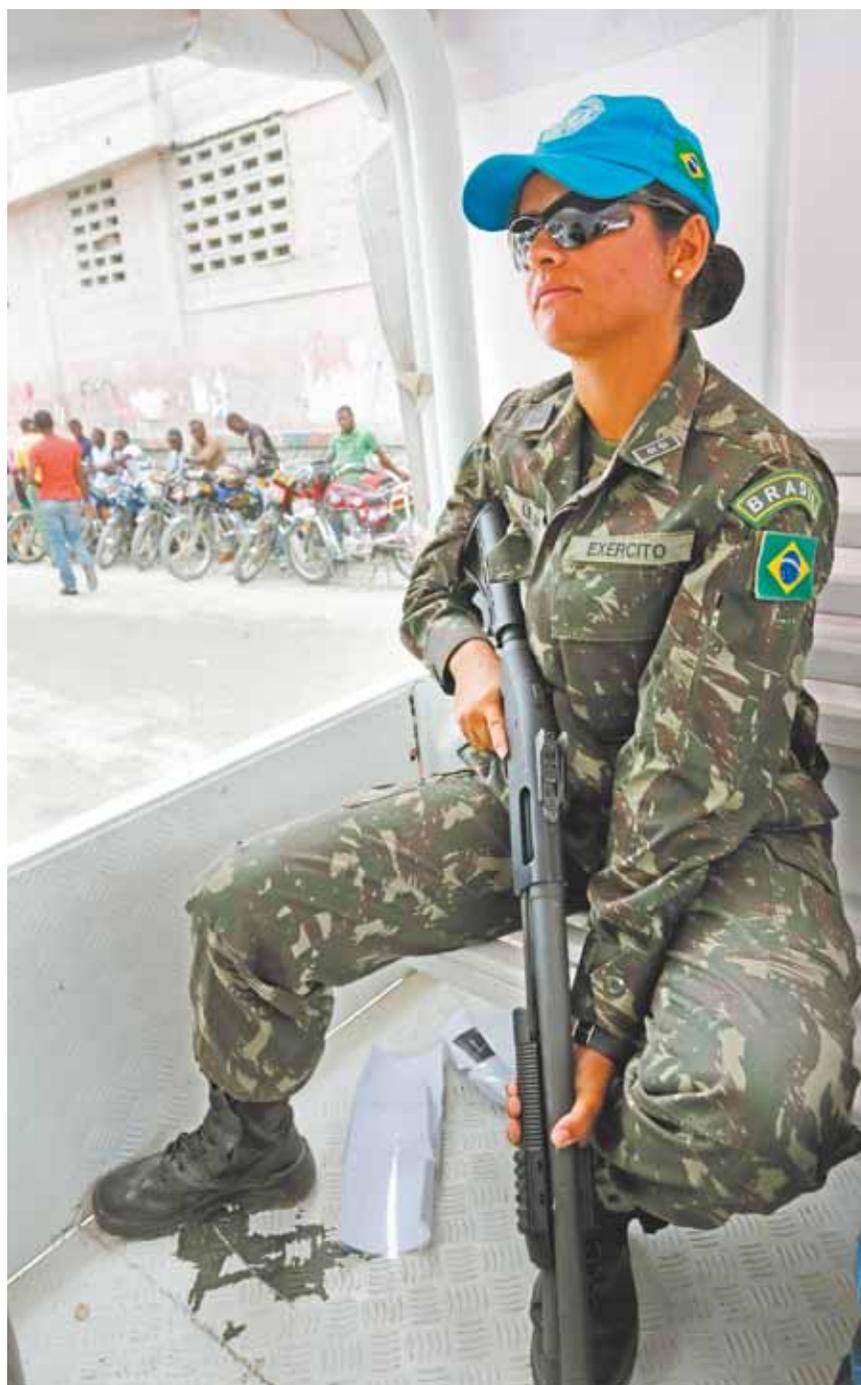
Veio o terremoto, em 2010, e a atuação voltou a ser alterada, desta vez, para ações humanitárias e de reconstrução do Haiti, com obras de engenharia. Apesar da extrema miséria, não se vê mais as montanhas de lixo e entulho no meio das ruas de Porto Príncipe. Os militares brasileiros abrem ruas, pavimentam vias, constroem pontes, cavam poços artesianos, apoiam ONGs e instituições religiosas que fazem ações sociais, realizam partos e atendimentos médicos etc.

Não é pouca coisa! Mas é, no mínimo, bem diferente do objetivo principal de uma força militar. Quando o assunto é repressão, o braço militar da Minustah está no “nível 3”. Ou seja, se há uma ocorrência, primeiro é acionada a PNH. Se esta não der conta do recado, chama-se a UNPOL (Polícia da ONU). Somente se nenhuma das duas polícias resolverem o problema é que entra em cena o Exército.

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Militar entrega donativos em aldeia isolada próximo da República Dominicana



Patrulhas armadas continuam para manter o “ambiente seguro e estável”



Mulheres e crianças são alimentadas por freis franciscanos e irmãs apóstolas do SCJ



Haitianos têm acesso a estudo, comida e saúde



Irmã Claudia: "Damos educação baseada em valores"



Ações sociais aproximam militares e civis em prol dos haitianos



Inauguração de pista para exercícios militares da PNH: fortalecimento local

Ações humanitárias e de reconstrução

PAULO MANSO - É merecedora de aplausos a atuação dos militares brasileiros na reconstrução do Haiti pós-terremoto. Basta comparar o tempo gasto em obras tocadas pelo governo local e pela Companhia de Engenharia do Exército (Braengcoy). Só para ilustrar, um exemplo bem simples. Durante nossa passagem por lá, fomos obrigados a fazer um longo desvio sempre que precisamos sair ou voltar ao Campo Charlie.

Uma ponte está sendo construída em avenida das proximidades, onde fica a Embaixada dos Estados Unidos. É obra do governo que já dura meses. Em apenas 15 dias, o Braengcoy construiu uma passagem lateral, com ponte capaz de aguentar as pesadas viaturas, e se livrou do desvio.

Se a ação repressiva mais intensa terminou em 2007, a posterior necessidade de atuação social aproximou demais os militares do povo. A maneira com a qual os haitianos tratam os "bon bagays" (lê-se 'bom bagais') mostra o quanto o trabalho é bem feito e transcende a intimidadora imagem do soldado armado. "Isso é típico do brasileiro. Está no nosso DNA. Soldados americanos ou europeus não possuem tal 'calor humano'", ouvimos de mais de um oficial.

Na quarta-feira, 3 de dezembro, visitamos duas obras feitas pelo Exército. Fomos à inauguração de uma pista de pentatlo militar (aquelas repletas de obstáculos para treinamento da PNH) na Academia de Polícia, em Pétienville. E ao local que é administrado por duas ordens religiosas e que atendem a 170 crianças entre dois e nove anos.

Neste último, foi o Braengcoy que ergueu uma escola de três andares e outro pavimento onde são servidos alimentos e prestados atendimentos médicos. Freiras do Sagrado Coração de Jesus (SCJ) cuidam da educação; freis da Ordem dos Franciscanos cuidam da

nutrição e da saúde. "Aqui as crianças recebem duas refeições por dia", explicou a freira Claudia Aurieme. Isso é luxo no Haiti. O intérprete Max Lensky, o Augustinho, disse que ele mesmo só se alimenta uma vez por dia. "Carne é só nos fins de semana. De segunda a sexta-feira é só arroz. De vez em quando tem milho ou mandioca", desabafou.

A tarde naquele local foi bastante intensa. Brincamos com as crianças, ouvimos canções de boas-vindas dos alunos em sala de aula e conversamos com verdadeiros anjos da guarda daquela gente. Frei Afonso Lambertini é um deles. Disse ter levado ao hospital, havia poucos dias, uma criança que desfalecia nos braços da mãe por desnutrição. "Aqui não há serviço público de saúde. Tudo é pago. A mãe não tinha condições e via seu filho morrer à míngua", contou.

Após ouvir pelo menos quatro histórias tristes, perguntei ao frei se ele ainda tinha esperanças naquele país. Sem titubear, ele rebateu com um convincente "sempre". "Se eu não tivesse esperança não estaria mais aqui. Enquanto tiver gente para atender nós vamos atender", completou, com sorriso nos lábios.

Naquele dia, eu e Alexandre voltamos para a base em um silêncio ensurdecedor, só interrompido por teimosas lágrimas que caíam devagar.

4.974

militares é o efetivo atual da Minustah

FOTOS: ALEXANDRE DE PAULO



Sobreviv



PAULO MANSO -

Característica marcante dos haitianos, o sorriso fácil supera até mesmo as precárias condições de vida no país. Só um assunto parece ser capaz de tirar a alegria do rosto dessa gente: o terrível terremoto de 2010.

O Metrô News falou com sobreviventes daquela tragédia.

1 Major Marcelo Fauri

O major Fauri está no Haiti pela segunda vez. Durante a primeira passagem, em 2010, fazia exercício com outro militar quando o terremoto sacudiu o país. “Eu estava correndo com um colega. No exato momento do abalo, ele segurou meu braço por não conseguir fazer a curva. Achou que estava sofrendo um infarto”, disse. Em frações de segundos, o colega de Fauri percebeu que não era um problema de saúde. “Ele achou que fosse um atentado a bomba, por conta do deslocamento de ar. Nós, brasileiros desacostumados a presenciar um terremoto, demoramos a perceber do que se tratava.”

Como estavam em área aberta, não sofreram ferimentos. “Enquanto aguardávamos o fim do tremor, ficamos impressionados. O chão parecia um mar revolto”, explicou. Na base, alguns cozinheiros se machucaram. Com a informação de que a então base central da Minustah em Porto Príncipe – o Hotel Christopher – havia sido atingido, Fauri partiu para as operações de resgate. “No caminho vi muita aflição, desespero, gente mutilada pedindo socorro, muitos corpos dilacerados. E muitos sobreviventes embalando os mortos em lençóis brancos e deixando enfileirados no meio das ruas”, lembrou.

2 Hussein Auguste

ALEXANDRE DE PAULO - O garoto de 15 anos estava vestido com a camisa da Seleção Brasileira. Disse que sonha em ser jogador de futebol. “Quero ser alguém na vida”, vaticina. Perdeu os pais no terremoto de 2010. “Eu estava na rua jogando bola. Por isso sobrevivi. Quando a terra parou de tremer eu vi que minha casa tinha caído. E vi meus pais mortos.”

Hussein não sabe dizer quem é sua família. “Tenho muitos irmãos, mas não conheço todos. Eu moro perto de um campo de futebol. Quando venho aqui perto [da Base General Bacellar] fico na casa de um amigo. Às vezes tem o que comer. Às vezes não”, disse.

Ao ser perguntado sobre quem cuidava dele, pois estava limpo e bem vestido, demonstrou vergonha de sua realidade. “Eu ficar bonito pra ninguém saber se eu não tem mãe, não tem pai. É pra ninguém saber do meu problema [sic].”



ivemos

3 Pierre Lajoir

Aos 63 anos, Pierre Lajoir aparenta ser mais jovem. Magro pela falta de comida à mesa, ele é forte. Estava sentado na frente de seu barraco na favela de Ti Haiti, em Cité Soleil, quando um par de mulletas chamou minha atenção.

Aproximei-me e percebi que ele não tinha a perna esquerda. Perguntei se o problema tinha relação com o terremoto. “Oui”, respondeu positivamente, sem demonstrar muita vontade de conversar. Sisudo, disse que estava trabalhando no centro de Porto Príncipe no dia do abalo. “Uma parede caiu sobre a minha perna, que ficou dilacerada e precisou ser cortada no hospital.” Pierre viu um vizinho morrer ao seu lado naquele dia.

4 Max Lensky-Augustinho

Max Lensky gosta de ser chamado de Augustinho, talvez para homenagear os brasileiros de quem tanto gosta. “Um dia vou para o Brasil”, disse em uma das patrulhas que fizemos com o intérprete. Mas Augustinho não gosta de falar sobre o terremoto, assim como seus conterrâneos. Ele tem motivos. Perdeu a irmã mais nova durante o desastre.

“Eu sobrevivi porque estava trabalhando naquele dia. Deixei algum dinheiro para minha irmã comprar doces antes de ir à escola, mas ela não passou bem e voltou para casa”, explicou. “Quando o terremoto começou, minha mãe e meus outros irmãos correram para fora de casa. Ela ficou para trás porque estava na cama. Faltou pouco para conseguir. Foi atingida pela laje quando estava na porta”, lamentou. “Faltou um segundo para ela ficar viva.”

5 Joseph Luckner

Ele caminha rápido pelos corredores da base militar. Chama os oficiais pela patente por respeito, mas demonstra intimidade. Afinal, Joseph Luckner trabalha como intérprete na Minustah desde que a ONU interveio no Haiti. “Estou aqui desde o início”, diz, sem esconder o ar de marrento. Mas Luckner também não resiste ao assunto terremoto e baixa a guarda. “É um assunto que incomoda a todos nós”, admite.

Era ele o guia que acompanhava a brasileira Zilda Arns no dia fatídico. “Ela dava uma palestra a outros religiosos sobre a fabricação de soro caseiro. Momentos antes do abalo eu cheguei a avisá-la sobre o horário, já que ela tinha outro compromisso”, disse. Mas o terremoto chegou antes. Luckner também chegou a ficar soterrado, mas foi resgatado com ferimentos leves. Zilda Arns morreu naquele dia.

6 Pastora Clemence

Ela era uma simples membro da Igreja de Deus Pentecostal, em Bel Air, em janeiro de 2010. Naquele dia 12, Clemence estudava espanhol dentro do templo quando precisou interromper a aula para buscar a filha na escola. “Por isso sobrevivi”, disse.

O pastor da época até tentou fugir durante o tremor, mas foi atingido na cabeça por um pedaço da parede da igreja e morreu poucos minutos depois. “Desde então eu assumi o rebanho e tento reerguer a igreja”, explica a agora pastora Clemence. Um pedaço de parede pintada de verde foi o que restou do antigo templo, fotografado por Alexandre em dezembro de 2005.

ALEXANDRE DE PAULO



Futuro incerto



PAULO MANSO – Quando damos início a uma reportagem, nós, jornalistas, partimos para a fase de apurações e entrevistas que forneçam dados suficientes para respondermos às perguntas que motivaram a pauta. Acontece que, às vezes, as respostas não vêm.

Começamos esta série de reportagens com a pergunta “há futuro para o país mais pobre das Américas?” E não conseguimos chegar a uma conclusão. Se por um lado uma legião de pessoas e instituições abnegadas doam o próprio tempo e dinheiro para ajudar na reconstrução do Haiti, por outro, não se vê ações práticas no mesmo sentido de pessoas e instituições responsáveis naquela nação.

Ah, então a culpa é dos haitianos? É claro que não! Não se chega a uma situação tão calamitosa como esta tendo apenas uma causa ou um responsável. A instabilidade é algo historicamente enraizada no povo do

Haiti. E uma mudança de postura e mentalidade é algo extremamente demorado.

Mas precisa começar! É necessário investigar as denúncias de desvio de verbas oriundas de doações humanitárias por parte de órgãos do governo; criar condições sociais para que o povo tenha emprego; aumentar a consciência de que a política precisa ser usada em prol do povo haitiano; diminuir as animosidades; etc. Não é tão simples...

Quando saímos de São Paulo rumo ao Haiti, as dúvidas giravam em torno da real necessidade de uma missão de paz durar tanto tempo. Depois de uma semana no país caribenho, percebemos que a simples saída das tropas da ONU não vai resolver o problema. Pior. Pode até deixar campo livre para as constantes manifestações de cunho político debandarem para a violência. Daí para a retomada da guerra civil pré-Minustah é um pulo.

O que ficou claro, tanto para mim quanto para o Alexandre, é que o haitiano é extremamente esperançoso. A crença em um futuro melhor é algo que pode ser visto nos olhos daquela gente. E no sorriso que ignora a miséria.

Mas essa característica - até certo ponto romântica - precisa ser revertida em ações pragmáticas. Precisa sair dos olhos e partir para as mãos. Não para atirar em outros compatriotas. Mas para construir um país viável.

Como já foi escrito antes nesta série de reportagens, “o povo do Haiti já sofreu o que tinha que sofrer”. Para se livrar das intervenções estrangeiras e tomar as rédeas de seu destino, está na hora do haitiano fazer valer os versos de seu belo hino: “*Marchons unis. Du sol soyons seuls maîtres*” (Marchemos unidos. Sejamos donos do nosso solo).